

Ascensão e queda do culto a Nuno Álvares Pereira no escotismo português (1923-1936)

Rise and fall of Nuno Álvares Pereira worship in Portuguese scouting movement (1923-1936)

Gonçalo Brito Graça

PIUDHist/Centro de Estudos de História Religiosa, UCP
ggraca@campus.ul.pt

Palavras-chave: escotismo, juventude, Nuno Álvares Pereira, culto.

Keywords: Portuguese scouting movement, youth, Nuno Álvares Pereira, worship.

Introdução

O presente artigo insere-se no conjunto de problemáticas que o Congresso Internacional “Em busca da Terra Prometida: Mitos de Salvação” trouxe ao público geral e pretende mostrar, de uma forma concisa, a importância da resposta escotista ao enquadramento ético-religioso dos jovens enquanto futuros cidadãos de uma Iª República (politicamente instável e emergente). O título apresentado introduz o/a leitor/a num ponto de discussão acerca dos modelos de heroicidade e piedade deste movimento nas primeiras décadas do século XX e que se estende para além da Ditadura Militar de 1926. Neste contexto, este artigo pretende ser uma reflexão alternativa sobre a figura de Nuno Álvares Pereira, se santo ou herói (ou ambos), e observado a partir de um universo etário menos estudado. A generalidade das produções científicas e monografias em torno do Santo Condestável é vasta e dispensa descrições sumárias (cf. Meireles, 2009). Já o número de análises aos crentes comuns, sobretudo aos mais jovens, é nula, e o presente trabalho acopla-se aos debates historiográficos de 2009, aquando da santificação do indivíduo medieval. É neste quadro que se pretende ver o crescimento do culto a Nuno Álvares entre os mais novos. Como se expandiu? De onde partiu? Quem o promoveu? Com base nestas questões teóricas, seleccionou-se uma amostra que recaiu no primeiro acampamento nacional dos escoteiros católicos em Portugal, realizado em Aljubarrota, em 1926. A estratégia política do então Corpo Nacional de Scouts, ao acampar num hinterland proto-sagrado, proporciona questões impertinentes acerca do sistema de valores entre o seu centro administrativo

e as respectivas periferias ou, para o presente caso, entre a hierarquia máxima dos Scouts Católicos (estabelecida na Arquidiocese de Braga) e os respectivos grupos locais dispersos pelo país, logo nos primeiros anos, e que abrem espaço a uma variedade de interrogações heurísticas. Tema que à partida poder-se-ia resumir somente a este mundo, mas que teve repercussões *a posteriori* nas políticas associativo-juvenis do Estado Novo. Quase uma questão de sociabilização política, nas palavras de Simon Kuin, na medida que o escotismo também pode ser visto como um sistema de transmissão cultural com vista à canalização do comportamento da juventude em moldes políticos aceitáveis (Kuin, 1993, p. 555).

Antes de se proceder a qualquer leitura, dever-se-á introduzir cronologicamente o tema. O escotismo em Portugal nasceu entre 1909 e 1912 e a sua origem geográfica é permissível a várias interpretações. As memórias históricas da primeira associação portuguesa (a pluriconfessional Associação dos Escoteiros de Portugal) referenciam a província de Macau como berço em 1912, mas dados recentemente extraídos na imprensa generalista da década de 1930 indicam que, no mesmo ano, algumas professoras britânicas radicadas no Porto, providenciaram a abertura de um grupo nesta cidade¹. Por outro lado, o associativismo escotista exclusivamente católico, só se estabeleceu definitivamente em 1923 em Braga após várias incursões nos meandros políticos. Entre estas duas balizas cronológicas surgiram também outras associações por todo o território nacional, fruto de cisões políticas nos grupos locais, ou para com as hierarquias estabelecidas a nível nacional. Calculam-se mais de cinquenta micro-entidades dispersas por toda a metrópole portuguesa, com possibilidade de existirem outras nos territórios ultramarinos. Para o presente caso, abordaremos apenas a associação católica, à época Corpo Nacional de Scouts (hoje Corpo Nacional de Escutas) e através dos registos de inscrição de grupos paroquiais, solicitados por estes à Junta Central, poder-se-á observar quais elegeram o Santo Condestável como patrono da unidade².

É a partir desta documentação existente no arquivo do Museu do CNE (Lisboa) que poder-se-á traçar a dispersão territorial e ritmo de propagação do culto a Nuno Álvares Pereira neste universo juvenil associativo. Desconhece-se a existência de rituais de piedade popular específicos de cada grupo, o que nos impediu de alargar as leituras religiosas a geografias mais precisas. No entanto, os dados extraídos mostram para já assimetrias regionais de devoção e que passaremos a explicar.

¹ Cf. “A educação feminina e o escotismo”, *Diário da Manhã*, 6 de Março de 1933, 6-8.

² De acordo com o questionário do boletim de inscrição no *Corpo Nacional de Scouts (Regulamento Geral nº 14)*, cada grupo teria de escolher um patrono (santo ou herói nacional) para intercepção divina. A título de exemplo, as escolhas mais comuns recaíram maioritariamente no Santo Condestável, seguindo-se casos singulares como o Infante D. Henrique, Vasco da Gama, São Pedro ou São João Batista, entre outros.

O escotismo católico e o associativismo condestabriano

A associação católica Corpo Nacional de Scouts (adiante CNS) teve a sua génese em 1922, sendo oficializada no ano seguinte com o polémico nome Corpo de Scouts Católicos Portugueses, que seria alterado para CNS apenas em Fevereiro de 1925, através do Decreto N.º 10589. Tendo como finalidade articular o método escotista com a ideologia católica (que visava a formação de novos cidadãos, os chamados “Homens Novos”), a escolha de Aljubarrota satisfazia os interesses na promoção do método, sobretudo através do estudo da Natureza, das ciências, dos valores patrióticos e religiosos. A pertinência desta temática envolve questões binárias que podem-se extrair a partir da obra “Centro e Periferia” de Edward Shills (1992), observando as dinâmicas culturais entre estes dois espaços, um institucional (Braga como centro) e outro imaginado (Aljubarrota, como periferia sagrada). A escolha deste último não foi fortuita e enquadrava-se no clima nacionalista dos inícios do século XX, e que esteve na matriz ideológica sincrética do Estado Novo. O critério de se acampar no mesmo espaço da célebre batalha de 1385 correspondia à apropriação da memória histórica e, simultaneamente, era um ritual de iniciação para com os novos escoteiros (católicos) em Portugal.

É neste contexto que vários actores políticos viram no Corpo Nacional de Scouts um instrumento pedagógico plausível para a inculcação de valores bidimensionais, patrióticos e católicos, o que oferecia uma alternativa às políticas associativas da Associação dos Escoteiros de Portugal (pluriconfessional/laica) e da União dos Adueros de Portugal (laica). Até ao 28 de Maio estas duas entidades foram respaldadas por vários sectores republicanos, e detinham funções coadministrativas nas sociedades de Instrução Militar Preparatória, ao qual em 1921 se agregou a associação “Pioneiros”, instituída pela elite militar³. No entanto, nenhuma destas entidades satisfez em pleno as pretensões dos sectores católicos conservadores que pugnavam pelo enquadramento ético-religioso da juventude. Outras associações de cariz nacionalista e conservador, como a Cruzada Nacional Nun’Álvares tentaram responder a esta lacuna espiritual, mas a sua estrutura organizativa visou sobretudo a militância política dos adultos. Embora tivesse uma secção juvenil e procurasse doutrinar as novas gerações no ideal do Santo Condestável, as acções cruzadísticas destinaram-se a combates legislativos.



³ Decreto n.º 7604, de 20 de Julho de 1921.

A sua fundação em 1918 visava o entendimento das elites políticas e culturais em torno de uma figura consensual entre os diversos sectores concorrenciais.

Em torno do culto a Nun'Álvares Pereira encontravam-se monárquicos, republicanos, católicos, protestantes, integralistas, entre outros (Leal, 1999). No entanto, duas sub-unidades desta estiveram directamente relacionadas com o escotismo. Dois organismos subordinados e directamente vocacionados para a infância e juventude, um pouco à imagem da pedagogia da época, com uma aproximação propositada às gerações. Estes dois organismos, os Pagens de Nun'Álvares e Pagens do Santo Condestável, assumiram características externas similares aos escoteiros, ou seja, uniforme, rituais de iniciação e hierarquia piramidal. Ideologicamente desconhecemos se eram exclusivamente católicos ou não. Ambos carecem de estudos científicos e a documentação que produziram foi escassa, o que dificulta novas leituras. Conhecem-se as suas dinâmicas a partir de alguma imprensa da época, e por vezes são referenciados nalguns documentos de entidades concorrentes. É o caso de um ofício existente no arquivo do Museu do CNE, emitido pelo Governador Civil de Lisboa ao Corpo Nacional de Scouts e à Associação dos Escoteiros de Portugal acerca da extinção dos seus núcleos de “pagens de Nun'Álvares” na capital, ao qual estas associações responderam não terem quaisquer vínculos, o que permite datar o seu término em 1932⁴. Mas terá sido sempre assim? Cremos que não.



Ilustração Portuguesa, 1917 – Jan – 01, p. 59

⁴ MCNE, 1932-IV-15. Lisboa. Ofício de F. Salazar Leite, Secretário Adjunto, ao Comissário Regional de Lisboa (CNS). Envio de cópia de ofício dirigido ao Governador Civil de Lisboa sobre pedido de dissolução dos “Pagens de Nun'Álvares”.

Ernesto Castro Leal indica 1918 como o ano fundacional da Cruzada Nacional Nun'Álvares e é provável que à data da sua criação, esta englobasse já outras associações existentes, tais como os Pagens de Nun'Álvares. A partir da consulta do periódico *Ilustração Portuguesa*, nomeadamente em Janeiro de 1917, poderemos observar uma criança ostentando um uniforme com a flor de lisada da Ordem de Avis, ao que se presume a existência de uma organização sólida anterior à própria Cruzada. Se a veracidade desta imagem for corroborada, poder-se-á afirmar que a Cruzada Nun'Álvares teve um interesse pela juventude logo na sua génese, e essa importância manter-se-ia até à sua extinção em 1938. Embora os estudos de Ernesto Castro Leal não se debrucem sobre as relações desta com organizações escotistas, sabemos que elas existiram. A título de exemplo, António Augusto de Abreu, presidente do núcleo local da Cruzada em Ovar, solicitou autorização à Junta Central do CNS em Braga, em 1930, para a fundação de um grupo de scouts na mesma localidade. Uma das suas anotações no boletim de inscrição foi precisamente a menção ao cargo honorífico de dirigente cruzadístico⁵.

Este pormenor leva-nos a dimensionar a geografia da Cruzada Nacional Nun'Álvares Pereira e a compará-la com o Corpo Nacional de Scouts. A Cruzada foi uma entidade estabelecida sobretudo na franja litoral portuguesa, grosso modo na metade norte do território continental. É visível a existência de núcleos nos maiores centros urbanos, como Lisboa, Coimbra, Porto e Braga, e a sua transmissão de valores proviria directamente da capital, e todo o sistema de representações hierárquicas confluiria nos ditames impostos pelo centro. No que respeita à pedagogia juvenil, parece ter sido estável e selecta, e o reflexo desta observação nos critérios para a captação de novos membros, limitada aos descendentes masculinos de indivíduos de sectores sócio-económicos elevados. Esta política de captação difere da agenda do Corpo Nacional de Scouts a partir de 1923 e é plausível que a instauração do escotismo católico em Braga contrariasse os ritmos de crescimento dos organismos juvenis da Cruzada. É nesta premissa que entendemos que a escolha de realizar um acampamento nacional num território ideologicamente defendido por outra entidade associativa possivelmente abriu divergências entre elas.

O primeiro acampamento nacional do CNS decorreu entre 9 e 18 de Agosto de 1926, o que englobava a celebração da “Festa da Pátria” a 14 de Agosto, feriado desde 1920. A escolha do local foi publicitada logo em Março do mesmo ano através da imprensa associativa “A Flor de Lis”, *já que o nosso Corpo deve ser uma escola de intenso patriotismo, já que o Santo Condestável Nuno Álvares Pereira vai sendo escolhido como modelo de virtude e de amor pátrio por grande parte dos nossos grupos e ainda porque nesse sentido recebemos uma amável convite do Ex.^{mo} e Rv.^{mo} Snr. D. José Correia da Silva, Bispo de Leiria, será nos campos de Aljubarrota onde se feriu a mais notável batalha pela independência de Portugal, que nós ergueremos as nossas tendas*⁶. É possível que o núcleo de Vila Nova de Ourém da Cruzada Nun'Álvares possa

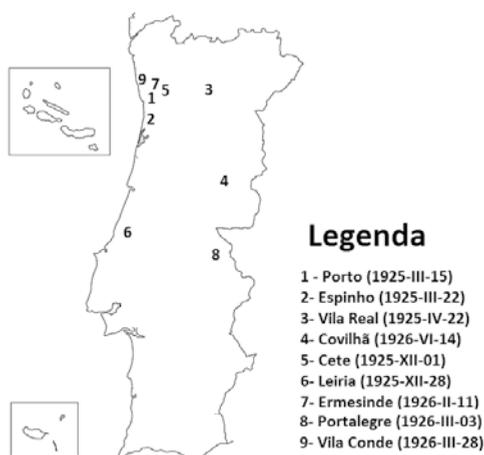
⁵ MNCNE, 1930-XI-09. Braga. Documento não indexado (dossier Filiações de Grupos e Alcateias 1925-1941)

⁶ *A Flor de Lis*, 2 (2), 15 de Março de 1926, 1.

ter interferido neste convite episcopal, mas o estado actual dos conhecimentos impede de responder a esta suposição.

No entanto, sabemos que o culto a Nuno Álvares Pereira, pelo menos na acepção de patrono ideal para os grupos locais, abrandou entre 1925 e 1926. A inscrição de cada grupo local no Corpo Nacional de Scouts respeitava a nomeação obrigatória de um patrono “protector”, que poderia ser um indivíduo notável nas memórias nacionais (Egas Moniz, Infante D. Henrique, Luís de Camões, etc) ou de cariz santo (Santo António, Menino Jesus, Santa Teresa, etc.). O caso de Nun’Álvares Pereira confirma o código dual de Santo e Herói Nacional, e através do registo de filiações é fácil observar a sua plurinomenclatura (Beato Nuno, Santo Condestável, Nun’Álvares). Como tal, inventariámos todos os grupos a nível nacional, e seleccionámos os topónimos referentes a este patrono, antes e depois do acampamento nacional. Pode-se observar que a dispersão territorial deste patrono não difere em muito do estabelecimento das unidades locais da Cruzada Nacional.

ATÉ AGOSTO DE 1926



UNIDADES LOCAIS DO C.N.S. COM PATRONO NUNO ÁLVARES PEREIRA

Assim, a escolha do acampamento em Aljubarrota visava dois grandes objetivos. O primeiro seria a realização de um ritual simbólico num terreno proto-sagrado, compatível com várias facções políticas. A dinamização propagandística para a participação no acampamento decorreu logo no mês de Maio, e com recurso a uma comunicação coloquial publicada na imprensa oficial, numa linguagem claramente perceptível para os jovens. Através destes textos é possível observar-se a transmissão cultural e ética da importância da sagrada Aljubarrota como herança da medievalidade. As referências aos códigos de cavalaria, ao espírito de serviço ao próximo, aos modelos do perfeito combatente são constantes e sempre explicadas por um dirigente (adulto) a um grupo de rapazes. Expressões

como “sendo o escutismo a Cavalaria do nosso tempo, nós somos cavaleiros” ou “a mais linda figura de Cavaleiro que jamais viram nascer terras portuguesas foi a figura do Beato Nun’Álvares – a sublime concretização da lealdade, do patriotismo, da santidade” mostram a necessidade de toda a associação se dirigir a um espaço periférico, sacral e sagrado, na ideologia nacionalista da época. Este modelo comunicacional confirma os argumentos de Edward Shills nas características das sociedades “juventocêntricas”, em que as crenças e práticas tradicionais são não só recomendadas por aqueles que as receberam e observam nos «mais velhos» que eles, como também recebidas e observadas por aqueles que são imediatamente «mais novos» a quem elas são recomendadas (Shills, 1992, pp. 306-307). Havia uma necessidade de ligação ao passado, e a publicação dos argumentos de um chefe sobre a necessidade de se acampar em Aljubarrota permitia manter a posição do poder legitimador do colectivo, ou neste caso, do CNS, ou mais precisamente da sua Junta Central em Braga.

Por sua vez, o segundo objectivo incidia na projecção periférica da Junta Central e o conseqüente crescimento a sul do país. Convém lembrar a importância exponencial da localização da diocese de Leiria na década de 1920, com o aparecimento do fenómeno das aparições de Fátima em 1917 (distanciado de Aljubarrota a menos de 40 km). Para tal, o CNS ritualizou (e perpetuou) a sua presença com a colocação de uma imagem de Nuno Álvares Pereira na capela de São Jorge, ainda hoje existente⁷. Por outro lado, a pretensão de aumentar o efectivo a sul do país também foi um critério com peso na escolha do local, tal como seriam outros acampamentos nacionais na história da associação. Na imprensa *A Flor de Lis* poderemos observar um pequeno diálogo entre dois dirigentes sobre a divergente localização:

- Aquela ideia de o irem fazer a Aljubarrota!... Era melhor irem para Marrocos... com pouco mais...
- Estás enganado, Cunha!
- Pois não tínhamos cá no norte melhores campos, mais largos, mais lindos?... E depois atraímos ao norte os poucos scouts que há pelo sul. Achava muito melhor. Francamente eu não gosto de criticar mas...
- Mas dás cada tesourada na Junta Central que a deixas em carne viva.
- Pois parece mentira! Sendo eles do norte, irem fazer uma coisa destas! Não compreendo!
- Pois olha. Eu também sou do norte como tu e eles, e acho muito acertada a escolha do local⁸.

Independentemente das características do Acampamento Nacional em 1926, de como corra, e de todas as vicissitudes daí inerentes, será importante saber se a estratégia foi bem conseguida. Grupos oriundos de Braga, Póvoa de Varzim, Rio Tinto, Cete, Vilar do Paraíso, Porto, Espinho, Bragança, Vila Pouca de Aguiar, Godim, Vila Real, Coimbra, Covilhã e Leiria puderam estar presentes e comungar

⁷ *A Flor de Lis*, 2 (3), 31 de Março de 1926, 1.

⁸ *A Flor de Lis*, 2 (6), 15 de Maio de 1926, 1-2.

das directrizes ideológicas da estrutura hierárquica superior enviada por Braga⁹. Embora a celebração das cerimónias religiosas estivesse a cargo do Bispo de Leiria, a exaltação de Nuno Álvares Pereira no dia 14 de Agosto conseguiu reactivar um consenso já espectável com a Ditadura Militar do 28 de Maio. Na eucaristia estiveram presentes ainda o Governador Civil de Leiria, o Arcebispo Primaz de Braga, o Comandante Militar de Infantaria 7, algumas edilidades, e presenciados por uma multidão superior a 10.000 pessoas (talvez um número exagerado). A imprensa associativa é detalhada nos pormenores descritivos do evento, e termina com uma alocução elucidativa *em que a nossa festa patriótica foi certamente a comemoração mais imponente que no presente ano se fez da batalha de Aljubarrota. Alguem nos disse que não há memoria de na Batalha se ter realizado festa tão solene nem mesmo quando foi da condução do soldado desconhecido*¹⁰.

À partida, este acampamento nacional de 1926 abriu caminho para o culto a Nuno Álvares Pereira se estender por todo o território nacional, mas o objectivo não foi alcançado. Observámos que o mesmo se limitou à metade norte do país, onde o Grande Porto regista um reforço e, maioritariamente na franja interior da Serra da Estrela, no triângulo Covilhã-Guarda-Castelo Branco (possivelmente os industriais lanifícios aderiram ao espírito cruzadístico e fomentaram a abertura de grupos do CNS). Na Covilhã, o grupo local conseguiu publicar um pequeno período intitulado “O Scout Luzitano” de tiragem única em 1927. A primeira página é elucidativa quanto ao impacto que o Acampamento Nacional teve nesta região; pode-se observar uma fotografia à estátua oferecida na capela de São Jorge, e ainda a letra de um “Hino do Beato Nun’Álvares”. Por razões de espaço limitamo-nos a transcrever as duas últimas estrofes: “Foste heroe, foste Santo, és a gloria/ A mais pura que a Patria nos deu./ Quem não chora contando a historia/ De teus feitos, prodígio do Ceu?/ Para nós o teu nome inefável/ Hoje e sempre é brilhante fanal./ Salvé, salvé, leal Condestavel,/ Gloria a ti, ó feliz Portugal//”¹¹

Tendo em conta os dois documentos que atrás mencionámos (um referente à adesão de presidente da Cruzada Nun’Álvares em Ovar ao CNS, e outro sobre a extinção dos Pagens de Nun’Álvares em 1932), é de supor que o acampamento nacional em Aljubarrota originasse divergências com a Cruzada Nacional Nuno Álvares Pereira. Possivelmente por duas simples razões: o CNS substituiu a Cruzada como a resposta espiritual aos jovens; depois, embora não tenha crescido a sul, houve um rápido aumento do seu efectivo, não elitista, e que atingira os espaços rurais da Beira Interior. Se assim for, poder-se-á afirmar que o sistema central de valores promovido pela Junta Central de Braga conseguiu satisfazer melhor as elites locais que o modelo proposto pela Cruzada.

⁹ *A Flor de Lis*, 2 (12-13), 15 e 31 de Agosto de 1926, 1.

¹⁰ *A Flor de Lis*, 2 (12-13), 15 e 31 de Agosto de 1926, 2.

¹¹ *Scout Luzitano*, N.º único, 29 de Junho de 1927, 1.

APÓS SETEMBRO DE 1926



Legenda

- 1 - Grupo 34 Tortosendo (1927)
- 2 - Grupo 37 Viseu (1927)
- 3 - Grupo 38 Serpa (1928)
- 4 - Grupo 53 Fundão (1929)
- 5 - Grupo 54 Murtosa (1929)
- 6 - Grupo Sénior 8 Caldas de Vizela (1929)
- 7 - Grupo 57 Foz Côa (1929)
- 8 - Grupo 60 Lisboa (1930)
- 9 - Grupo 61 Guarda (1930)
- 10 - Grupo 62 Castelo Branco (1930)
- 11 - Grupo 66 Ovar (1930)
- 12 - Alcateia 22 Lisboa (1932)
- 13 - Grupo 78 Viana do Castelo (1932)
- 14 - Grupo 87 Abrantes (1933)
- 15 - Alcateia 45 Escalhão (1933)
- 16 - Grupo 95 Gavião (1933)
- 17 - Grupo 98 Beja (1935)
- 18 - Alcateia 66 Ronfe (1935)
- 19 - Grupo Sénior 19 Ronfe (1940)
- 20 - Grupo 144 Colimbrões (1941)
- 21 - Grupo 69 Polvoreira (1941)

UNIDADES LOCAIS DO C.N.S. COM PATRONO NUNO ÁLVARES PEREIRA

Nos anos seguintes, o próprio Corpo Nacional de Scouts teria um discurso humilde acerca desta actividade e não a incluiu no conjunto das festividades nacionalistas portuguesas de massas e publicitadas na imprensa generalista. Por um lado, é certo que conseguiu afirmar-se no quadro político-institucional da Ditadura Militar, mas por outro, o objectivo de emparelhar os valores patrióticos com os valores religiosos foi um fracasso. O fenómeno das aparições de Fátima acabaram por deslocar o centro gravitacional da religiosidade escotista portuguesa, de norte para o centro do país, e as directrizes de Braga seriam substituídas pela agenda da Diocese de Leiria. Esta metamorfose periférica é bem visível no relato de um escoteiro desconhecido: *O dia seguinte, 13 de Agosto, era destinado a uma piedosa romagem. Acampados na diocese de Leiria era de toda a razão que não deixássemos passar este dia sem visitarmos Fátima onde é fama que a Virgem Santíssima apareceu por varias vezes a uns pastorinhos, e onde a fé tem conduzido quasi tudo que em Portugal é crente e vice abraçado no amor divino*¹².

Em jeito de conclusão poderemos salientar alguns aspectos. Observámos como o sistema central de valores foi aceite, assimilado e reproduzido pela periferia através de modelos de representação hierárquicos. Edward Shills torna-se numa referência para se compreender a noção de escalas culturais e geográficas nesta categoria de associações. Por outro lado, e tendo em conta os argumentos de Ernesto Castro Leal, a Cruzada Nacional Nun'Álvares teve duas grandes fases

¹² A Flor de Lis, 2, (12-13), 15 e 31 de Agosto de 1926, 4

vitais, onde a primeira se estabelece entre 1918 e 1926, e a segunda entre 1927 e 1938. Esta última (simultaneamente a menos dinâmica e desintegradora) coincide com a expansão substancial do CNS acima do eixo Lisboa-Évora, mas os resultados aqui apresentados dificilmente respondem às questões levantadas por este investigador. Seria necessário uma melhor abordagem à vida associativa dos Pagens de Nun'Álvares e Pagens do Santo Condestável e entender como as diretrizes destes divergiam/convergiam com as defendidas pelo escotismo católico. É de crer que a progressiva abertura da gestão e animação da fé aos escoteiros locais em desfavor de outros movimentos de jovens católicos, poderá ter condicionado a representação dos escoteiros enquanto corpos juvenil-eclesiásticos.

Por último, observámos também que nem sempre o sistema central de valores é estável e imune às ideologias da periferia. O presente caso do acampamento nacional em Aljubarrota originou mais rupturas que permanências. O culto a Nuno Álvares Pereira seria progressivamente secundarizado, e poder-se-á ver que as escolhas dos patronos locais incidiram em temas de santidade, sobretudo a partir de 1930. As “Nossas Senhoras” e as “Santas” posicionaram-se ao lado dos heróis e santos da Nação nas preferências dos jovens escoteiros portugueses, “marianizando” o *ethos*, e que deu origem a orações como “Nossa Senhora, Mãe dos Escutas, rogai por nós”. É possível que este fenómeno tivesse repercussões nos restantes territórios do império português, mas o estado actual dos conhecimentos impede mais avanços. Seria interessante observar o culto de Nun'Álvares Pereira nas Mocidades Portuguesas, ou até em África ou na Índia, aquando da fundação da Fraternidade Nuno Álvares como associação dos antigos escoteiros católicos em 1954.

PERÍODO 1923-1936



TOTAL DE UNIDADES LOCAIS DO C.N.S. COM O PATRONO NUN'ÁLVARES PEREIRA EM 1936

Referências bibliográficas

- A Flor de Lis*, 2, Março-Agosto.
Esclarecendo. O que é o escotismo. [Escoteiros do Centro de Portugal]. (1915). Coimbra: Tipografia Popular.
- Fontes, P. F. O. (2000). “Escotismo” e “Imprensa Católica”. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal* (Vol. II C/I., pp. 168-172; 423-429). Rio de Mouro: Círculo de Leitores.
- Leal, E. C. (1998). A Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira e as origens do Estado Novo (1918-1938). *Análise Social*, 148, 823-851.
- Leal, E. C. (1999). *Nação e Nacionalismos. A Cruzada Nacional D. Nuno Álvares Pereira e as origens do Estado Novo (1918-1938)*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Mills, S. (2013). An instruction in good citizenship?: Scouting and the historical geographies of citizenship education. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 38, 20-134.
- Meireles, C. P. et al. (Coord.) (2009). *Olhares de hoje sobre a vida de ontem. Nuno Álvares Pereira: homem, herói e santo*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Museu do Corpo Nacional de Escutas* (MCNE), Ofício de F. Salazar Leite, Secretário Adjunto, ao Comissário Regional de Lisboa (CNS). Envio de cópia de ofício dirigido ao Governador Civil de Lisboa sobre pedido de dissolução dos “Pagens de Nun’Álvares” (1932-IV-15); dossier Filiações de Grupos e Alcateias 1925-1941.
- Ribeiro, E. (1982). *História dos Escoteiros de Portugal*. Lisboa: Aliança Nacional das ACM de Portugal. *Scout Lusitano*, N° único, 29 de Junho de 1927.
- Shills, E. (1992 [1972]). *Centro e Periferia*. Lisboa: Difel.
- Vicente, A. C. (2004). A Introdução do Escotismo em Portugal. *Lusitania Sacra*, 2 (16), 203-245.

Resumo

O presente artigo explora o culto a Nuno Álvares Pereira nos primeiros anos do escotismo católico português. O debate em torno da sua santidade, enquanto herói nacional e figura de consenso político, torna-se o cerne desta problemática e materializa-se no objeto argumentativo do Corpo Nacional de Scouts, que pretendeu expandir-se de Braga para o sul do país. Uma questão de enquadramento ético-religioso da juventude, permanente até à implementação do Estado Novo, e que competiu com a introdução de novos cultos marianos do século XX.

Abstract

This paper analyses the worship of Nuno Álvares Pereira in the 1920's, respecting the beginnings of catholic boy-scouting in Portugal. Álvares Pereira was a Portuguese Middle Ages knight, and over the two last centuries he was seen as a consensus national hero by opposite political factions. The debate among his sanctity, as well as his heroic nature, became the centre of all arguments of *Corpo Nacional de Scouts*, the catholic scouting association in Portugal, which was growing from Braga, a northern city where the headquarters were settled up, towards south. Besides being a question of ethical and religious matter to arrange the future of Portuguese youth, this debate goes beyond the implementation of *Estado Novo* dictatorship, and competed with new 20th century Virgin Mary worships.